

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações

Anuncios, cada linha, typo commum	20 réis
Communicados	60 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA

Quinta feira 28 de novembro de 1895

Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros....	600 "
Numero avulso	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros..	15000 "

RESUMO

A instrução nacional do tiro, por Fontoura Guedes. — Atiradores premiados. — Concursos de tiro civil em Chaves. — Um salmão monstruoso. — Os lobos: um assalto. — Armas novas. — As viboras e os cães de caça, por Baptista de Sá. — Os coelhos na Australia. — O peso d'uma abelha. — Programmas de gymnastica, por Pedro José Ferreira. — Um «tavolazzo» no Piemonte em 1826: uma caçada aos gallos do matto.

A INSTRUÇÃO NACIONAL DO TIRO

A absoluta impossibilidade, que actualmente experimentam todas as nações da Europa, em augmentar os effectivos de seus exercitos permanentes, e a crescente necessidade de diffundir a instrução militar, tornando-a obrigatoria, tem levado todos os governos a reduzir successivamente o tempo do serviço effectivo, para permittir a passagem pelas fileiras, e a instrução n'ellas adquirida, ao maior numero possivel de individuos.

Isto porém não basta para resolver o difficil problema da autonomia, baseada na força, accomodando as organizações militares aos recursos economicos e vida civil dos povos, sem lhes entravar o desenvolvimento e progresso da civilização. Para que um povo possa gosar as immundades de segurança de suas pessoas, bens e haveres, podendo entregar-se confiadamente aos labores da vida, é necessario que todos os cidadãos validos estejam sempre promptos a defender a independência patria, com as armas na mão. O grande principio enunciado por Von der Goltz, de que — *os exercitos modernos devem, ser as nações armadas* — é tanto mais verdadeiro, quanto maior for a difficiencia de recursos e a pequenez do povo a que se applique; por isso uma organização militar de um paiz, pequeno como o nosso, será tanto mais perfeita, quanto maior for o numero de individuos que possa mobilisar, e mais completa a sua instrução marcial.

Obedecendo a estes, e outros principios de não menor alcance, taes como o de equalar quanto possivel, os deveres militares de todos os cidadãos, publicou o nosso governo em 27 de setembro ultimo, o decreto com força de lei, sobre o recrutamento, pelo qual é o tempo do serviço effectivo reduzido a 2 annos, podendo ser remido ao fim de 6 e 15 mezes, por quantias relativamente insignificantes, a fim de se crear o fundo necessario á instrução das reservas.

Póde-se affoutamente asseverar que todos os homens, classes e partidos do nosso paiz se encontram felizmente de accordo sobre a in-tante necessidade de organizar e instruir as reservas, e mesmo de crear uma 3.ª classe de milicias ou exercito territorial; porém são tantas e de tal ordem as difficuldades praticas e economicas, que os nossos governos tem

tido na realisação d'esta já tão velha aspiração nacional, que até hoje ella não tem passado de uma tristissima irrisão aos nossos desejos, figurando no papel, simplesmente como um mytho ou simbolo d'amor patrio do legislador.

Ora, pondo de parte a questão mais complexa e difficil da organização dos quadros, que demanda avultadas despezas, um dos melhores meios, mais prompto, economico e effizaz, de que até hoje tem lançado mão todos os governos da Europa e America, para instruir as suas reservas, é o da criação das sociedades de tiro.

Effectivamente, o principio essencial a que deve obedecer esta instrução é que ella deve ser breve, para o que precisa ser resumida e simples; e deve tornar-se agradável, facil e appetecida, para o que precisa não obrigar os reservistas a deslocacoes, sempre importunas e incommodas.

(Continúa).

Fontoura Guedes.
Capitão de infantaria.

ATIRADORES PREMIADOS

PRIMEIRO GRUPO

Alvo — Figura de joelhos a 200 metros
Arma — K. 8^{mm} m/1886

3.º premiado



Joaquim Fraga Pery de Linde

Nasceu em 8 d'abril de 1865, em Lisboa, é tacygrapho da camara dos pares e jornalista. E' socio da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

No 2.º concurso de tiro civil em 29 de junho de 1894, foi classificado em 81.º lugar no 1.º grupo, e em 2.º lugar, no 2.º grupo, ganhando o premio da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, uma carabina Winchester; no 1.º concurso da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes em 25 de novembro de 1894, foi classificado em 2.º lugar, depois de haver desempatado primeira e segunda vez com o seu competidor, sendo-lhe

conferido o diploma da Associação; no concurso de 19 de junho de 1895 ficou em 53.º no 1.º grupo, em 11.º no 2.º e em 20.º no 3.º; este ultimo grupo era o de fogo de repetição com a arma de guerra K. 8^{mm} m/1886. Neste concurso foi lhe conferida uma das medalhas de prata da Carreira de tiro. No concurso de 10 do corrente foi classificado em 3.º lugar, pertencendo-lhe a medalha de prata da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes. Além d'isto, tem direito á medalha de applicação, que só é conferida aos socios que durante o anno empregaram pelo menos 400 balas no alvo.

4.º premiado



Frederico Emilio Vincent

Nasceu em 7 de novembro de 1879, em Lisboa, é empregado no commercio e socio da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

No primeiro concurso da Associação, realisado em 25 de novembro de 1894, foi classificado em 12.º lugar, sendo-lhe conferido o diploma por ter acertado com 3 balas em 5. No concurso de 10 do corrente foi classificado em 4.º lugar, no 1.º grupo, sendo-lhe dado o 4.º premio, uma colleccão de livros da Sociedade de Geographia de Lisboa.

CONCURSO DE TIRO CIVIL EM CHAVES

É com verdadeiro enthusiasmo que passamos a descrever o concurso de tiro civil, que se realisou em Chaves no domingo 10 do corrente, segundo as notas que nos foram enviadas por um nosso estimavel amigo e assignante.

O concurso realisou-se á distancia de 200^m, em alvo normal, com séries de 5 tiros cada atirador.

Presidiram ao concurso os srs. general Francisco Jeronymo Soares Luna e José Gomes da Silva Braga, presidente da camara municipal.

Commissão de marcação

Os srs. tenente-coronel José de Carvalho da Silveira Telles de Carvalho, major Antonio Augusto de Miranda e capitão Antonio Maria de Abreu Castello Branco.

Premios

- 1.º — Uma carabina *Colt's*.
 2.º — Uma carabina *Colt's*.
 Estes dois primeiros premios foram offerecidos pelo sr. Candido Sotto Maior.
 3.º — Uma caçadeira de dois canos.
 4.º — Uma caçadeira de um cano.
 Premios offerecidos pela camara municipal de Chaves.

Concorreram 34 atiradores, sendo d'estes 24 matriculados durante a época finda, e que por isso receberam instrucção na *Carreira* da guarda, e 10 estranhos a essa instrucção. D'esses 34, 5 eram militares e 29 civis.

O concurso deu o seguinte resultado:

	Bala acertada	Desvio
1.º — Antonio Sindulpho Carneiro	4 — 1,06	
2.º — Julio Pires de Moraes	4 — 1,27	
3.º — Carlos A. Cesar Coelho	4 — 1,97	
4.º — Augusto da Silva Pereira	4 — 2,47	
5.º — Olympio Fernandes da Silva	3 — 0,745	
6.º — João da Silva Bravo	3 — 0,75	
7.º — Zeferino A. Martins Falcão	3 — 1,35	
8.º — Nicolau Augusto da Conceição	3 — 2,06	
9.º — Luiz A. de Lima Barreto	2 — 0,40	
10.º — Alexandre Luiz Pereira	2 — 0,525	
11.º — Joaquim Pereira da Silva	2 — 0,935	
12.º — Antunes Monterinho	2 — 1,03	
13.º — José Corrêa dos Santos Junior	2 — 1,05	
14.º — Arthur Costa	1 — 0,165	
15.º — Francisco Garcia	1 — 0,19	
16.º — Candido P. A. Brandão	1 — 0,23	
17.º — M. A. Antonio Roiz Junior	1 — 0,26	
18.º — José Joaquim Fontes	1 — 0,27	
19.º — João Pereira Martins	1 — 0,28	
20.º — João Antonio Gomes	1 — 0,38	
21.º — Albino dos Santos P. Lopo	1 — 0,39	
22.º — Adriano da Cunha	1 — 0,46	
23.º — Antonio J. Dias Pereira	1 — 0,72	

Recapitulação: — Com 4 balas, 4; com 3 balas, 4; com 2 balas, 5; com 1 bala, 10; com 0 de balas, 11. Total, 43.

Premiados

Antonio S. Carneiro, primeiro premio, uma carabina *Colt's*; Julio Pires de Moraes, segundo premio, uma carabina *Colt's*; Carlos A. C. Coelho, terceiro premio, uma espingarda de caça de dois canos; Olympio F. da Silva, quarto premio, uma arma de caça de um cano.

Os premios só foram distribuidos aos atiradores matriculados durante a época finda, razão porque o 4.º premio foi para o 5.º atirador.

Durante o anno matricularam-se 31 atiradores. A média geral de aproveitamento no tiro elemental foi de 56 1/3; as individuaes, n'essa especie de tiro, variaram entre 83,3 e 17,1, tendo 19 atiradores médias superiores a 50 0/10.

No tiro especial a média foi de 31,1 0/10, havendo 9 atiradores com médias superiores a 30 0/10 e d'estas a maior foi de 52 0/10.

Munições consumidas durante a época de instrucção

Tiro elemental	1:535 cartuchos
Tiro especial	1:065 "
Concurso	170 "
Total	2:770 "

É director da *Carreira* o distincto official do exercito, tenente de infantaria 19, sr. Ernesto Augusto da Silva Pereira, a quem muito agradecemos as informações dadas ao nosso amigo e a quem offerecemos as columnas do nosso semanario sempre que se queira utilisar d'ellas.

O grupo que está matriculado na *Carreira* de tiro é composto por socios da corporação dos *Bombeiros Voluntarios de Chaves*, e tem por commandante o nosso estimavel assignante o sr. Annibal de Sousa Pinto de Burros.

Além d'estes, muitas outras pessoas teem frequentado a *Carreira*, que funciona aos domingos para o elemento civil.

Pena é que n'outras localidades, que teem *Carreiras* de tiro de guarda e regimentaes, o elemento civil não concorra a ellas, exercitando-se no manejo das armas e no tiro ao alvo, o unico meio de sermos fortes e a unica forma pratica de defendermos a integridade da Patria

cumulo; conseguiu com uma mosca artificial e uma simples canna de pesca, apanhar um salmão com 28 kilogrammas, medindo um metro e trinta de comprimento e oitenta centimetros de circumferencia; foram necessarios trinta e cinco minutos de lucta para vencer este monstro e trazel-o á praia e o emprego de mais de 100 metros de linha.

Esta presa extrordinaria, que honra o valente pescador que a fez, causa sensação no mundo da pesca.

Nenhum peixe d'esta estatura, d'esta força de resistencia, tinha até agora sido apanhado á linha.

Citam-se as pescas d'alguns salmões maiores, pezando trinta a trinta e tres kilogrammas, mas haviam sido apanhados com rédes.

O Marquez de Zetland tem todos os direitos ao titulo de *recordman* da pesca á linha.

OS LOBOS

I

Um assalto

Não vamos fallar do lobo vulgar, que apparece pelas nossas serras e que apertado pela fome, principalmente no inverno, se approxima das povoações onde não é raro fazer estragos. Este é um animal que, com facilidade relativa, pôde fazer-se desaparecer. O lobo de que nos occupamos n'este momento, é o senhor absoluto d'esses immensos *steppes* da Russia, audacioso, cruel, palpitante, ávido de carnificina e nunca saciado.

Não apparece senão aos bandos; são oitenta, trezentos, avidos e rapidos, aterradores, alterados de sangue, uiuando, saltando, correndo para a matança.

O horizonte estava deserto e o olhar não via por toda a parte senão neves. De repente apparecem ao longe uns pontos negros e moveis; depois, forma-se, estende-se não sei que massa singular e gigantea que se levanta, baixa, ondula, avança com vertiginosa rapidez.

É uma alcatêa de lobos que corre como uma torrente.

Um dia tres caçadores russos atravessavam uma parte do *steppe*, levados a toda velocidade por dois vigorosos cavallos. De repente, os lobos apparecem no horizonte e a sua massa enorme, farejando um banquete imprevisto, arremessam-se em perseguição dos caçadores; alcançam o trenó e cercam-no como um crescente vivo, cujas pontas estão voltadas para os cavallos.

Se o crescente se fecha não ha esperança de salvação! A vida de todos está nas mãos do cocheiro, na sua experiencia e habilidade, na sua presença de espirito.

Com uma manobra bem dirigida e firme, trata-se de impedir que se unam as duas pontas do crescente e, no seu admiravel instincto, os valentes, os intelligentes cavallos conformam-se, com prodigioso vigor, á tactica do cocheiro.

Pela sua parte, os caçadores fazem frente aos assaltantes, dando-lhes pancadas, coronhadas, enviando-lhes balas sobre balas, desembainham as facas, e o lobo que cae morto é logo devorado pelos companheiros.

Finalmente desenha-se no horizonte uma massa imponente, que é saudada por gritos de alegria; é a casa do chefe dos caçadores. Um quarto de hora d'es-

ta corrida vertiginosa pelos gelos, e chega-se ao porto, e toda a gente está salva.

O *steppe* affasta-se, a casa approxima-se e os lobos seguem sempre, mais apressados, mais ardentes, mais numerosos. O terrivel crescente alonga-se, aperta-se e vae fechar-se sobre os caçadores astustados, mas luctando sempre.

Com um esforço supremo, o cocheiro lança os cavallos com impetuosidade espantosa, e o trenó chega dentro do pateo, mas com elle entraram os lobos.

N'um volver d'olhos, os caçadores correm para casa, cujas portas e janellas são immediatamente fechadas. Em menos de dez minutos os cavallos são devorados, reduzidos ao estado de esqueletos.

Depois, o inimigo insaciavel começa o cerco da casa, depois de ter devorado os cães, porcos, vaccas, cabras, ovelhas, galinhas e patos.

Das janellas, os caçadores atiram sobre os lobos cujos corpos são no mesmo instante esphacelados pelos vivos, e a multidão furiosa mostra-se a cada instante mais ardente e mais encarniçada.

As munições esgotam-se, vão faltar. Não ha ballas! as armas tornarem-se inúteis! Vão intrincheirar-se de quarto em quarto, esperando que chegue um soccorro inesperado e que o sol do meio dia venha espantar com os vivos raios os lobos todos?

Um dos caçadores tem então uma idéa extravagante, que communica logo aos sitiados. No alto da casa, sobre o terraço organisa um concerto de trompas de caça.

O instrumento de musica faz-se arma, arma singular e verdadeiramente comica, n'este perigo extremo.

Ouvindo esta musica infernal, a alcatêa, aterrada por este charivari, abandona o pateo, affasta-se a toda a pressa e desaparece nos *steppes* com rapidez indiscriptivel.

(Continúa.)

ARMAS NOVAS

O periodico *La Revue des Tirs d'Armes* escreve:

«As maravilhas que se diziam da espingarda italiana do capitão de *bersaglieri* Amerigo Cei, não se confirmam completamente nos ensaios da escola de tiro de Parma e de Spezzia, e as experiencias sobre a bala tubular Heibler parecem sujeitas a contestação.

«A espingarda italiana *Cei* foi construida nas officinas de Monte Domini e experimentada pela primeira vez no polygono de Florença; o cano é furado a uma certa distancia da bocca logo depois da passagem da bala, e os gazes propulsores escapando-se em parte pelo buraco, actuam sobre mecanismos, de extracção e de recarregamento automaticos.

«O pequeno calibre italiano de 6^{mm} não parece tentar ninguem.

«A Austria e a Alemanha estudam uma nova espingarda e esta ultima uma nova bayoneta mais pratica do que a actual, mas ambas as nações conservam o antigo calibre de 8, 7 e 9^{mm} e não procuram corrigir os defeitos dos seus modelos Mauser e Mannlicher.

«Falla-se tambem d'um novo explosivo maravilhoso, a pyritina, e uma recente metralhadora Maxim que só pezará 20 kilos e poderá transportar-se ás costas d'um homem, mas todas estas maravilhas precisam ser confirmadas.»

UM SALMÃO MONSTRUOSO

SE a espingarda tem os seus reis a linha tem os seus principes; um d'esses mestres na arte de pescar á linha, lord Zetland acaba de executar uma proeza inedita, de attingir um verdadeiro

AS VIBORAS E OS CÃES DE CAÇA

Ao sr. J. d'Almeida

*«A cortezia é um laço que prende as vontades»**«A educação é semelhante ao vaso em que se distillam rosas; o vaso pôde quebrar-se, mas o perfume das rosas fica ainda unido aos seus restos despedaçados.»*

Pois Santo Humberto lhe valha! Mas para que citei eu no n.º 37 do *Tiro Civil*, auctores como Clater, cujo *Tratado sobre as molestias do cão* teve a bagatela de vinte e sete edições na Inglaterra, onde ha caçadores e veterinarios distinctissimos e se cuida a valer das molestias que affligem os cães de caça, e mereceu a Mariot-Didieux, cuja auctoridade até hoje ninguém se tinha apresentado a contestar, a sua magnifica traducção na lingua franceza, que teve tambem não sei quantas edições? Para que dei-tei eu tanta livraria abaixo, tanto *alfarrabio sedigo* para, em recompensa de tamanha trabalhadeira, levar do meu respeitavel confrade em S. Luiz um formidavel *bigode*, que, d'ora ávante, por mais que me appropine e arregale os olhos, nem um carro de matto enxergarei? Antes eu tivesse deixado essa parcella da minha *collecção de fosseis, de respeitavel idade*, sepultada para sempre sob o peso da poeira que ella *sobrestreficada* tinha. Mas não podia ser, porque: *«Pierre qui roule n'amasse point de mousse.»*

Ah! pobres auctores coetaneos de Clater, de Bousсенard e d'outros que, como estes, tanto estudaram inutilmente! Com duas palhetadas em latim lá se vos afunde todo o vosso saber profundo, toda a vossa reputação de sabios e escriptores.

Palavra que não percebo como o sr. J. d'Almeida, que detesta tanto a medição antiga, os livros antigos (se antigos se podem dizer todos que citei), e naturalmente tudo quanto antigo seja, — se pôde entreter ainda com o divertimento da caça, que nos vem de tempos tão distantes.

Mas agora reparo eu que s. ex.^a, apesar de tudo, tambem aconselha os golpes de canivete no sitio da mordedura, e que se espremam bem as feridas para as fazer sangrar convenientemente, meios estes pelos antigos indicados.

Mas ainda agora reparo, outro sim, que o meu illustre contestante aconselha igualmente a ligadura, que não provém dos modernos que s. ex.^a adora, mas sim dos velhos, d'esses nescios que tem em tanto horror. Ah! sim: é que a ligadura que s. ex.^a manda que se faça diverge em dois pontos d'aquella que esses ignorantes ousaram indicar — a d'elles deve praticar-se em redor da parte attingida pelos dentes do reptil, se esta se prestar a isso, ou entre a ferida e o coração do cão, podendo ser; a de s. ex.^a ha de fazer-se *por força*, no ante-braco ou perna, e *bem apertada*, embora o cão seja mordido no tronco ou na cauda, no focinho ou nas orelhas.

E que diz agora s. ex.^a a isto, sr. J. d'Almeida? Não confessará que levou uns *bigodes*; mais fartos e atrevidos do que aquelle que suppôz dar em quem nunca teve fumaças de mestre?

Não que bem diz o dictado: «Não deve ser mestre quem antes não haja sido discípulo; nem deveria mandar quem antes não houvesse sabido obedecer.»

Mas deixemos em paz o *Tiro Civil*, que não é para estas cousas, e ponham-se

de parte estylos sarcasticos e palavras d'agulhão na ponta.

Quando escrevi o meu primeiro artigo, não magoei ninguém em seu melindre; quando escrevi o segundo, creio ter succedido a mesma cousa; e este, que prometto ser o ultimo sobre o assumpto, não leva o menor corpusculo de peçonha, creio, que possa melindrar alguém.

Publique cada um aquillo que pela illustre redacção d'este periodico lhe fôr acceito; conteste quem quizer doutrinas, theorias, conselhos ou o quer que seja que dê á luz da publicidade este excellente semanario — mas faça-se tudo de fôrma que nunca se possa jogar a quem escrever aquelle dito sentencioso: «A delicadeza é para as almas elevadas um dever tão imperioso como o da justica.»

E agora para terminar, tenho de dizer ao sr. J. d'Almeida, cavalheiro a quem fico consagrando a minha estima mais distincta, que, n'estas condições, nunca me serão desagradaveis os seus escriptos sobre caça ou cousa que com esta ligue, embora elles sejam todos contrarios, de guerra franca e inexoravel, áquelles que a minha modesta e insignificante penna possa ainda produzir.

Porto — Novembro, 1895.

Baptista de Sá.

OS COELHOS NA AUSTRALIA

São de todos conhecidos os enormes estragos causados pela praga de coelhos na Australia, praga contra a qual a sciencia tem exgotado todos os meios de destruição, e perante a qual os mais habéis praticos teem visto inutilizados todos os esforços.

Recentemente um agricultor australiano lembrou-se d'um meio dos mais simples, que experimentou immediatamente e que deu os mais lisongeiros resultados. Trata-se de aproveitar o proprio coelho para a destruição dos seus semelhantes e para isto basta um simples desequilibrio sexual.

O processo reduz-se portanto á destruição das femeas e ao augmento do numero dos machos. Apenas este principia a predominar, começam por destruir todos os ninhos que encontram; se a sua quantidade augmenta, não fecundam as femeas, mas tornam-nas estereis; finalmente quando o seu numero se torna excessivo, perseguem implacavelmente as pobres femeas que succumbem.

Desapparecendo as femeas resta apenas esperar que os machos se exterminem, ou succumbam naturalmente.

Um agricultor desembaraçou por este processo os seus campos dos terriveis roedores. Começou por murar a sua propriedade; com o auxilio de armadilhas apanhou o maior numero de coelhos que lhe foi possivel, matando as femeas e dando a liberdade aos machos; em seguida procedeu do mesmo modo nos terrenos dos vizinhos, apanhando os machos para os soltar na sua propriedade.

Depois de dois annos d'esta tactica verificou a diminuição de coelhos, a herva reapareceu, e é hoje o unico agricultor que tem pasto nas suas propriedades.

O exito parece brilhante, todos os jornaes o registam e a generalisação d'um methodo de destruição tão simples, vae provavelmente desembaraçar a Australia do flagello que ha vinte annos ameaça a sua propriedade e tem tolhido o seu desenvolvimento.

O PESO D'UMA ABELHA

CONHECE-SE o problema classico apresentado invariavelmente pelos veteranos aos caloiros candidatos á Escola polytechnica: «Colloque-se um copo de agua com o fundo para cima sobre o prato d'uma balança e equilibre-se; depois, delicadamente levante-se e introduza se uma mosca que vòe no interior do copo. O equilibrio continúa ou não?»

E' impossivel ser engenheiro de pontes e calçadas sem ter resolvido elegantemente este problema.

Os naturalistas americanos, sem ter aspirações á entrada para a escola polytechnica franceza, acabam de resolver um problema analogo.

Estudaram e determinaram o peso d'uma abelha.

Segundo estes investigadores, o peso d'uma abelha livre de qualquer sobrecarga será de 907 decimos millesimos de gramma; mas quando voltam dos campos carregadas com o succo das flores, o peso está quasi triplicado e é então de o gram. 252.

Segue-se que transporta atravez dos ares duas vezes o proprio peso. Conclue-se tambem que o numero de abelhas comprehendendo n'um kilogramma d'estes interessantes insectos varia de 3,968 a 11,025, conforme estão carregadas ou não.

O peso d'um enxame ordinario é approximadamente de dois kilos, não comprehendendo a provisão de cera ou de mel; pôde portanto calcular-se que é em numeros redondos de 22:000 individuos.

Encontram-se enxames em que estes numeros são duplicados.

PROGRAMMAS DE GYMNASICA

(Continuado do n.º 38)

I — Gymnastica militar preparatoria

b) — Jogos.

- 1.º — Jogo do pau, (tem professor especial).
- 2.º — Jogo da bengala, (professor especial).
- 3.º — Jogo do Cricket.
- 4.º — Jogo do balão, (Foot-ball).
- 5.º — etc., etc., etc.

c) — Canotagem.

d) — Projecções.

- 1.º — Do balão: — A punho. — A pontapé.
- 2.º — Do disco: — Arremessar o disco. — Arremessar o disco depois d'uma curta carreira.
- 3.º — Da barra: — Lançar a barra para deante a duas mãos, com extensão directa do tronco. — Idem com uma mão. — Idem á maneira de martello. — Com uma mão, lançar a barra pelo movimento de adducção horizontal do membro superior direito (esquerdo). — Lançar a barra pelo balanço pendular. — Lançar a barra a duas mãos para traz. — Lançar a barra de topo a duas mãos. — Lançar a barra de topo com a mão direita (esquerda) á maneira de dardo. — Lançar a barra com o pé, etc., etc.
- 4.º — Do dardo: — Atirar o dardo em distancia. — Atirar o dardo ao alvo.
- 5.º — Da setta: — Tiro horizontal. — Tiro vertical. — Tiro parabolico.

D — Natação.

a) — Movimentos de natação.

Em secco foram estudados na gymnastica da escola primaria.

b) — Exercicios na agua.

- 1.º — Nadar de bruços. — Nadar de costas. — Mergulhar.
- 2.º — Transporte do feto á cabeça. — Nadar vestido. — Salvar-se no caso d'uma submersão accidental. — Transporte da arma e munições.

c) — Exercicios de socorro.

- 1.º — Exercicios com o sacco de serradura ou com o fardo.
- 2.º — Exercicios para tirar da agua um nadador sem movimento.

II — Gymnastica militar applicada

A — No gymnasio.

a) — Exercicios de resistencia.

1.º — Adaptação gradual ás marchas e carreiras etc. — de resistencia, com a arma.

2.º — Idem equipado.

b) — Exercicios de trepar.

1.º — Na escada obliqua.

a) — Face superior.

1.º — Subir por movimento simultaneo das extremidades oppostas. — Subir por tracção (passagem alternativa das mãos) e descer por escorregamento poplíteo. — Subir por impulsão (passagem alternada das mãos.)

2.º — Subir por alternadas. — Subir por simultaneas.

b) — Face inferior.

1.º — Subir por movimento simultaneo das extremidades oppostas. — Subir por movimento simultaneo das extremidades superiores e das inferiores. — Subir á maruja. — Subir por movimento simultaneo das extremidades.

2.º — Subir por movimento alternativo das extremidades superiores e descer por escorregamento poplíteo. — Mudar de face.

2.º — Na escada vertical.

1.º — Subir por movimento simultaneo das extremidades oppostas. — Subir por movimento alternativo das mãos pelos degraus e movimento simultaneo dos pés pelos banzos. — Mudar de face.

2.º — Subir por movimento alternado das extremidades superiores. — Adquirir balanço.

3.º — Na escada horizontal.

a) — Face inferior.

1.º — Percorrer um banzo por movimento alternado. — Percorrer os banzos para deante (para rraz) por movimento alternado das mãos. — Percorrer os banzos por movimento alternado das mãos auxiliado pelas curvas poplíteas. — Ladear pelos degraus. — Passeio de braçada.

2.º — Percorrer um dos banzos por movimento alternado das mãos e de braços curvos. — Idem os banzos. — Idem pelos degraus.

3.º — Passar da face inferior á superior. — Pela subida de perna. — Pela subida de frente. — Pela subida d'ante-braços. — Pela subida alternada.

b) — Face superior.

1.º — Passar a escada a cavallo. — Ladear por um banzo e por esforço dos braços. — Passar a escada de gatas.

2.º — Passar pelos degraus em pé. — Idem pelos banzos. — Idem por um banzo.

4.º — Na escada de corda obliqua.

a) — Face superior.

1.º — Subir por movimento simultaneo das extremidades oppostas.

2.º — Subir por tracção dos membros superiores.

b) — Face inferior.

1.º — Subir por movimento simultaneo das extremidades oppostas.

2.º — Subir por movimento alternativo das extremidades superiores. — Mudar de face.

(Continúa.)

Pedro José Ferreira.

UM «TAVOLAZZO» NO PIEMONTE EM 1826

Uma caçada aos gallos do matto

(Continuado do n.º 38)

COMTUDO tenha cuidado, Torquato acaba de ficar marrado... Oh! Não tem necessidade de se apressar, elle não se mecherà!

Compreende-se que á primeira advertencia do velho caçador tinha-me lançado para a frente com resolução, apesar dos espinhos que me feriam impiedosamente as pernas.

— Cheguei assim proximamente a dez passos do *epagneul*, e vi com indisivel satisfação que Solimão estava a seu lado e marrado como elle.

Ambos se achavam a esse tempo n'uma pequena clareira, que me permittiu admirar a belleza das suas posições egualmente magnificas, ainda que dissimilhanes.

Torquato que a caça tinha surpreendido estava um pouco dobrado sobre as

pernas; tinha a cabeça levantada, o pescoço estendido, o olhar ardente e fixo como uma brazza; a cauda arqueada sobre os rins pareceu-me firme como se fosse moldada em bronze.

Solimão que tinha marrado por imitação, tinha-se collocado á vontade. Deitado sobre o ventre, o focinho alongado sobre as patas dianteiras poderia julgar-se adormecido a não serem os relampagos que fuzilavam dos seus olhos amarellos, e o estremecimento do seu rosado nariz, que diligenciava conhecer o rasto d'uma caça inteiramente nova para elle.

Titano tinha-se reunido a mim; o Marquez, sempre sobre a margem do talude e proximamente a vinte e cinco passos adiante de nós tambem estava n'uma magnifica posição para atirar.

Titano fez um signal.

O *epagneul* alongou ainda o pescoço, depois voltou a cabeça da direita para a esquerda inclinando-a ligeiramente por diversas vezes como uma pessoa que faz cumprimentos.

— São gallos de matto, disse-me Titano em voz baixa, são sete, Torquato acaba de os contar.

Não tive tempo de pedir a explicação d'estas palavras, porque apenas foram pronunciadas os gallos do matto levantaram-se pesadamente entre os nossos cães.

Eram effectivamente sete, como dissera o velho caçador.

Atirei os meus dois tiros um pouco ao acaso, devo confessar-o, e tive a felicidade de ver cahir o chefe do bando, e um gallo novo.

— Bravo! excellentissimo! gritou Titano.

E ao mesmo tempo a dupla detonação da sua colovrina se fez ouvir; mas com intervallo d'alguns segundos.

A primeira detonação tinha-me voltado e vira cahir a gallinha mãe; a segunda abateu dois gallos novos que se cruzavam a uma distancia já respeitavel.

Dos dois restantes um passou ao alcance do Marquez, e teve a mesma sorte dos seus cinco companheiros.

Deve-se convir que era uma estreia brilhante. Estava radiante, transportado! ainda o fiquei mais quando vi Solimão depôr a meus pés o primeiro dos dois passaros que eu matára, era o gallo velho.

Pertencia á maior especie d'esses galinaceos, e a sua belleza ia além de tudo que imaginára da elegancia e tamanho d'esta caça, de que sem cessar me fallavam desde a minha chegada ao Piemonte.

A sua plumagem d'um azul irisado, tinha reflexos e brilhos d'uma riqueza sem equal.

Uma membrana d'um escarlata magnifico cercava-lhe os olhos, o bico, e subia formando crista sobre a grande cabeça. Duas riscas de deslumbrante alvura cortavam as azas transversalmente, e a cauda separada em duas partes formando forquilha dava-lhe proporções verdadeiramente gigantesas.

Quando o levantei fiquei confuso com o peso; emfim, não me cansava de o admirar, e de agradecer a Titano, a quem devia este famoso tiro.

Emquanto carregavamos as espingardas perguntei ao velho caçador, se era por acaso que me tinha annuciado sete gallos do matto quando os nossos cães estavam marrados.

— Não, excellentissimo. E' o habito de Torquato, quando a caça de penna espera, fazer um movimento de cabeça por

cada passaro que está diante d'elle, e não se engana uma vez em dez.

— Cada vez mais forte, respondi; mas onde está o seu maravilhoso cão?

— Procura a gallinha que julgo ficou d'aza. Sigamos que elle nos encontrará.

Andámos uns cem passos precedidos por Solimão que cruzava na nossa frente sem attender aos espinhos.

O corajoso animal comtudo estava salpicado de pequenas nodos vermelhas que attestavam as suas numerosas feridas.

— Ah! eis o seu cão, disse eu a Titano.

Acabava de ver o *epagneul* immovel por traz d'uma grande mouta de zimbro.

— Deve estar marrado visto não estar na minha frente, respondeu o velho caçador.

— E' impossivel, traz a gallinha na bocca, parece estar a escutar para vêr se o chama.

— Torquato escutar! Torquato julgar que o chamo! E' impossivel. Digo-lhe que está marrado.

Dei volta á mouta de zimbro e vi o *epagneul* em pleno corpo; estava effectivamente marrado, e n'uma posição magnifica.

— Tem razão, disse a Titano.

— Tem a cauda direita, ou recurvada?

— Direita.

— Então são perdizes ou gallinhas bravas. Prepare-se sempre para atirar.

Levantou-se effectivamente um bando de gallinhas; mas nem mesmo levei a espingarda á cara, pareceu-me muito longe.

— Então! em que pensa excellentissimo?

— E' muito longe.

— Ora! disse Titano levando a espingarda á cara.

Partiram os dois tiros, e cahiram duas gallinhas tão litteralmente escangalhadas como codornizes a que se atira na bocca da espingarda.

Contei a distancia que era fabulosa, havia cento e vinte sete passos.

O levantar da caça e os tiros não tinham perturbado Torquato.

Depois da dupla detonação veio depôr a gallinha do matto diante de seu dono, e depois correu em busca das duas gallinhas bravas, que trouxe uma depois da outra.

Passámos quatro horas n'este talude, e quando sahimos tinhamos trinta e tres peças de caça, a saber: quinze gallos de matto, oito gallinhas bravas e dez perdizes.

Titano tinha-me permitido igualmente ser o rei da caçada. A' minha parte tinha quatorze peças, e Solimão tinha-se mostrado digno emulo de Torquato.

O Marquez tinha-se juntado a mim havia algum tempo, e sentamos-nos á borda d'uma pequena fonte sombreada por um grupo de videiras e salgueiros.

— São proximamente onze horas, disse-nos Titano. Descancem até ao meio dia, excellentissimos. Durante esse tempo irei a casa levar toda esta caça, que nos incommodaria na expedição que ainda temos que fazer, e na minha volta entraremos novamente em campanha.

— Para que é necessario esse trabalho?

— Valeria mais, parece-me, esconder a nossa caça em qualquer parte onde a encontrassemos á noite.

(Continúa.)

Editor responsavel — MANUEL AUGUSTO PINTO

Typ. do Commercio de Portugal — Rua Ivens, 35 a 41